

Eu era adolescente quando me assumi. Minha irmã parou de falar comigo. Meu pai também reagiu muito mal. Passaram uns anos. Eu fui crescendo. E aí que eu comecei a sofrer situações de abuso fora de casa. Minha primeira relação sexual foi com 14 anos. Com um cara de 25, o que já é um absurdo. Eu lembro que eu me envolvi com um cara porque eu estava completamente revoltada com a minha família, com toda aquela situação. Eu estava vulnerável. Não era saudável, mas era uma forma de afeto. E na adolescência eu me larguei mesmo. Transei com quem eu queria e não queria. Teve um cara, ele queria transar e eu não queria. Fui no hospital, tomei a PrEP, que é a profilaxia pós-exposição. Eles queriam ligar para a polícia e queriam fazer tudo e eu falei, eu não quero, eu não quero ser ouvida. Eu estou cansada, eu estou muito cansada. Muitas vezes eu fiquei em silêncio, não me impunha quando alguém me destratava. Eu era muito passiva e o tanto que aquilo me machucava e o quanto que aquilo gerava ansiedade dentro de mim. E eu me julgando, me culpando, sendo que a culpa nunca foi minha. Nunca foi problema meu. E eu acabei ficando nesse ciclo tóxico, todos os caras que eu me envolvia tinham o mesmo padrão. Ficavam nas minhas costas, eu tinha que cuidar deles como se eu fosse mãe, usavam muita droga, não tinham responsabilidade. Eu não queria aquilo, só que... o jeito que eles me amavam, o jeito que eles falavam, o amor deles. Aquilo me confortava, de certa forma, porque eu não tinha o amor da minha família. Acho que minha sombra é essa necessidade de afeto que eu tenho, de querer tanto que alguém me dê amor. Com um cara, eu tive um relacionamento longo. Ele tinha bipolaridade. No início do relacionamento ele se cuidava, mas depois começaram as crises. Ele me destratava, gritava comigo, me traía. Era assustador. Batia nos móveis, batia com a cabeça na parede, e eu achava que eu tinha que cuidar dele. Na pior crise dele que me lembro, ele apanhou uma cadeira e bateu na própria cabeça. Eu fiquei apavorada. Ficava olhando aquilo e me perguntando: o que é que eu estou fazendo aqui? Eu consegui romper esse ciclo quando eu comecei a desenvolver a minha escrita. Comecei a escrever todo dia, fazer poesia, falar sobre amor, falar sobre dor. E eu, às vezes, fico olhando os meus textos de alguns anos atrás. De um ano atrás. E eles sempre falam as mesmas coisas: de uma dor, de uma vontade que está dentro de mim e eu não consigo tirar de dentro. Agora, eu estou me envolvendo com um ou dois caras, que eu sei que são pessoas boas, que não usam drogas, que estão estudando, estão trabalhando. Que me tratam muito bem, que me fazem me sentir confortável. A minha psicóloga virou para mim e falou: você se acha merecedora desse amor? E aquilo me travou porque eu sei que eu sou merecedora. Eu sei que eu mereço muito, eu sei que eu sou muito foda e eu posso transformar muita coisa, e fazer muita coisa. Só que eu acho que uma parte de mim ainda tem um bloqueio, muito medo de ser machucada de novo. Quando eu comecei a me posicionar, a ser mais direta, mais grossa, como as pessoas falam, eu comecei a me sentir muito melhor. Porque eu estou me impondo. Porque eu estou me colocando. Porque eu estou mostrando a minha voz e eu não vou mais ficar em silêncio. Hoje em dia eu vejo os homens como... eu sempre estou com o pé atrás. Porque eu sei o que eles passam e eu sei os privilégios que eles têm. E sei o lugar que eles colocam a mulher, ainda mais uma mulher trans, que é outra camada. Eu sei que o cara vai tentar me seduzir, fazer piada, mas agora eu dou o troco na mesma moeda. Atacando ele, sendo direta, para ele

entender que eu não estou de brincadeira. Eu comecei a cuidar do meu corpo, voltei a fazer atividade física, comecei a cuidar de mim, a me olhar no espelho e não precisar de aprovação. Foda-se. Foda-se o que eles pensam. O que importa sou eu. O que eu sinto. Eu comecei a realmente me colocar como o protagonista da minha vida. Porque antes eu não era. Eram eles. Eu botei fogo no sonho de ir para o caixão. Os meus sonhos hoje são palpáveis. A minha luz tem sido me abraçar e me dar o amor que eu sei que eu mereço e que eu quero dar. E eu acho que a minha luz é essa potência de não parar e nunca desistir, essa vontade de continuar, de trabalhar, construir coisas e continuar vivendo. Minha luz é transformar.

ZOÉ

*Sobreviventes*